

FERREIRA **GULLAR** TODA POESIA

21ª edição
Revista e ampliada

JOSÉ OLYMPIO
E D I T O R A

Rio de Janeiro
2015



A LUTA CORPORAL

(1950-1953)

SETE POEMAS PORTUGUESES (1950)

3

Vagueio campos noturnos
Muros soturnos
paredes de solidão
sufocam minha canção

A canção repousa o braço
no meu ombro escasso:
firmam-se no coração
meu passo e minha canção

Me perco em campos noturnos
Rios noturnos
te afogam, desunião,
entre meus pés e a canção

E na relva diuturna
(que voz diurna
cresce cresce do chão?)
rola meu coração

4

Nada vos oferto
além destas mortes
de que me alimento

Caminhos não há
Mas os pés na grama
os inventarão

Aqui se inicia
uma viagem clara
para a encantação

Fonte, flor em fogo,
que é que nos espera
por detrás da noite?

Nada vos sovino:
com a minha incerteza
vos ilumino

5

Prometi-me possuí-la muito embora
ela me redimisse ou me cegasse.
Busquei-a nas catástrofes, da aurora,
e na fonte e no muro onde sua face,

entre a alucinação e a paz sonora
da água e do musgo, solitária nasce.
Mas sempre que me acerco vai-se embora
como se me temesse ou me odiasse.

Assim persigo-a, lúcido e demente.
Se por detrás da tarde transparente
seus pés vislumbro, logo nos desvãos

das nuvens fogem, luminosos e ágeis.
Vocabulário e corpo — deuses frágeis —
eu colho a ausência que me queima as mãos.

6

Calco sob os pés sórdidos o mito
que os céus segura — e sobre um caos me assento.
Piso a manhã caída no cimento
como flor violentada. Anjo maldito,

(pretendi devassar o nascimento
da terrível magia) agora hesito,
e queimo — e tudo é o desmoronamento
do mistério que sofro e necessito.

Hesito, é certo, mas aguardo o assombro
com que verei descer de céus remotos
o raio que me fenderá no ombro.

Vinda a paz, rosa-após dos terremotos,
eu mesmo juntarei a estrela ou a pedra
que de mim reste sob os meus escombros.

7

Neste leito de ausência em que me esqueço
desperta um longo rio solitário:
se ele cresce de mim, se dele cresço,
mal sabe o coração desnecessário.

O rio corre e vai sem ter começo
nem foz, e o curso, que é constante, é vário.
Vai nas águas levando, involuntário,
luas onde me acordo e me adormeço.

Sobre o leito de sal, sou luz e gesso:
duplo espelho — o precário no precário.
Flore um lado de mim? No outro, ao contrário,
de silêncio em silêncio me apodreço.

Entre o que é rosa e lodo necessário,
passa o rio sem foz e sem começo.

8

Quatro muros de cal, pedra soturna,
e o silêncio a medrar musgos, na interna
face, põe ramas sobre a flor diuturna:
tudo que é canto morre à face externa,
que lá dentro só há frieza e fuma.

Que lá dentro só há desertos nichos,
ecos vazios, sombras insonoras
de ausências: as imagens sob os lixos
no chão profundo de osgas vis e auroras
onde os milagres são poeira e bichos;

e sobretudo um tão feroz sossego,
em cujo manto ácido se escuta
o desprezo a oscilar, pêndulo cego;
nada regula o tempo nessa luta
de saís que ali se trava. Trava? Nego:

no recinto sem fuga — prumo e nível —
som de fonte e de nuvens, jamais flui!
Nem vestígios de vida putrescível.
Apenas a memória acende azuis
corolas na penumbra do impossível.

9

Fluo obscuro de mim, enquanto a rosa
se entrega ao mundo, estrela tranquila.
Nada sei do que sofro.

O mesmo tempo
que em mim é frustração, nela cintila.

E este por sobre nós espelho, lento,
bebe ódio em mim; nela, o vermelho.
Morro o que sou nos dois.

O mesmo vento
que impele a rosa é que nos move, espelho!

O VIL METAL
(1954-1960)



FOGOS DA FLORA

fru
 to
 lu
 to
 sedosa carne
 o lume desatado
 lu
 to
 o cheiro expõe seu avesso leproso
pústula
 ar flora isconde ôr rosto dentro êr frô
 erf'olho
 cartrera
 ceca
 púcaro
 mofo
 SOLAR

ou

CUJOS CAULES
 água e chama
 ar fluora sipintia êr rosto furtre
 mecânicaespelho
 rrrortarções er coresingrenadas

TERRA

MARTE SATURNO

zzuada, dou-
 tores conversam, flores
 crescem das meias
 cloro astro darto

AS
cabras

AS
orquídeas
tardes nupciais nas piscinas selvagens
cacos d'água

olho milho florflama
planta irascível

dias e meses
cama e mesa
mama e reza

O FACHO CONDUZIDO SOB O CHÃO, sombra
dos campos floridos

a pa go dusolhosdestroçados apa lúzni a pa g'lúmuni

OS MORTOS O LEVAM
as aranhas vazados púcaros primaveris
abril avião soldado pólen
surforcações

cond'luzem
fogo dos vasos

UÊRVANIS

ERVUS

ÉRNADIS

UERNADISDALESFLURDESVLÃ
VLAPS VLAPS VLAPS

FORA DA LUZ

Derrubado em seu corpo na trevosa
boca doce da carne que o engole
como um sexo, dorme. E é lume o sono
que em vão se queima pelas torres jovens

Dorme fora da luz no velho esgoto
onde as harpas. Outubro flamabrando
Às suas portas de carne adormecidas
a corneta do mar abandonamos

Resta o teu rosto solto a terra sacra
as aranhas de sal tecendo um cubo
Treme em teu lábio do dia assassinado
O sol o girassol a flama surda

Resta o facho de borco a flor perdida
o homem mordendo a sombra desse facho
As coroas da terra dissipando
seu escuro clamor na luz. E resta

de tal fogo tal facho trabalhado
às portas desse homem a leste dele
Fogo poeira pó pólvora acesa
na epiderme comum. *Bonjour, Madame!*



POEMAS CONCRETOS/ NEOCONCRETOS

(1957-1958)

mar azul

mar azul marco azul

mar azul marco azul barco azul

mar azul marco azul barco azul arco azul

mar azul marco azul barco azul arco azul ar azul

verme

olho

lacre

maçã

vermelho

alarme

boca

verde

velho

asa

blusa

azul

casa

casulo

azul

casa

asa

blusa

mel

laranja

lâmina

mel

sol

lâmina

laranja

mel

sol

laranja

lâmina

sol

The background is a solid light gray. On the left side, there are several thick, white, hand-drawn lines. These lines are abstract and expressive, with some forming loops and others being straight. They appear to be drawn with a marker or thick paint. The lines are concentrated on the left side of the page, with some extending towards the center.

ROMANCES DE CORDEL

(1962-1967)

JOÃO BOA-MORTE, CABRA MARCADO PRA MORRER

Vou contar para vocês
um caso que sucedeu
na Paraíba do Norte
com um homem que se chamava
Pedro João Boa-Morte,
lavrador de Chapadinha:
talvez tenha morte boa
porque vida ele não tinha.

Sucedeu na Paraíba
mas é uma história banal
em todo aquele Nordeste.
Podia ser em Sergipe,
Pernambuco ou Maranhão,
que todo cabra da peste
ali se chama João
Boa-Morte, vida não.

Morava João nas terras
de um coronel muito rico.
Tinha mulher e seis filhos,
um cão que chamava "Chico",
um facão de cortar mato,
um chapéu e um tico-tico.

Trabalhava noite e dia
nas terras do fazendeiro.
Mal dormia, mal comia,
mal recebia dinheiro;
se recebia não dava
pra acender o candeeiro.
João não sabia como
fugir desse cativoiro.

Olhava pras seis crianças
de olhos cavados de fome,
já consumindo a infância
na dura faina da roça.
Sentia um nó na garganta.
Quando uma delas almoça,
as outras não; a que janta,
no outro dia não almoça.

Olhava para Maria,
sua mulher, que a tristeza
na luta de todo dia
tão depressa envelheceu.
Perdera toda a alegria,
perdera toda a beleza
e era tão bela no dia
em que João a conheceu!

Que diabo tem nesta terra,
neste Nordeste maldito,
que mata como uma guerra
tudo o que é bom e bonito?
Assim João perguntava
para si mesmo, e lembrava
que a tal guerra não matava
o Coronel Benedito!

Essa guerra do Nordeste
não mata quem é doutor.
Não mata dono de engenho,
só mata cabra da peste,
só mata o trabalhador.
O dono de engenho engorda,
vira logo senador.

Não faz um ano que os homens
que trabalham na fazenda
do Coronel Benedito
tiveram com ele atrito
devido ao preço da venda.
O preço do ano passado
já era baixo e no entanto
o coronel não quis dar
o novo preço ajustado.

João e seus companheiros
não gostaram da proeza:
se o novo preço não dava
para garantir a mesa,
aceitar preço mais baixo
já era muita fraqueza.
"Não vamos voltar atrás.
Precisamos de dinheiro.
Se o coronel não der mais,
vendemos nosso produto
para outro fazendeiro."

Com o coronel foram ter.
Mas quando comunicaram
que a outro iam vender
o cereal que plantaram,
o coronel respondeu:
"Ainda está pra nascer
um cabra pra fazer isso.
Aquele que se atrever
pode rezar, vai morrer,
vai tomar chá de sumiço."

O pessoal se assustou.
Sabiam que fazendeiro
não brinca com lavrador.
Se quem obedece morre
de fome, e de desespero,
quem não obedece corre
ou vira "cabra morredor".

Só um deles se atreveu
a vender seu cereal.
Noutra fazenda vendeu
mas vendeu e se deu mal.
Dormiu, não amanheceu.
Foram encontrá-lo enforcado
de manhã num pé de pau.
Debaixo do morto estava
um "cabra" do coronel
que dizia a quem passava:

"Este moleque maldito
pensou que desrespeitava
o que o patrão tinha dito.
Toda planta que aqui nasce
é planta do coronel.
Ele manda nesta terra
como Deus manda no céu.
Quem estiver descontente
acho melhor não falar
ou fale e depois se aguenta
que eu mesmo venho enforcar."

João ficou revoltado
com aquele crime sem nome.
Maria disse: "Cuidado
não te mete com esse homem."
João respondeu zangado:
"Antes morrer enforcado
do que sucumbir de fome."

Nisso pensando, João
falou com seus companheiros:
"Lavradores, meus irmãos,
esta nossa escravidão
tem que ter um paradeiro.
Não temos terra nem pão,
vivemos num cativeiro.
Livremos nosso sertão
do jugo do fazendeiro."

O Coronel Benedito
quando soube que João
tais coisas havia dito,
ficou brabo como o Cão.
Armou dois "cabras" e disse:
"João Boa-Morte não presta.
Não quero nas minhas terras
caboclo metido a besta.

"Vou lhe dar uma lição.
Ele quer terra, não é?
Pois vai ganhar o sertão!
Vai ter que andar a pé
desde aqui ao Maranhão.
Quando virar vagabundo,
terá de baixar a crista.
Vou avisar todo mundo
que esse 'cabra' é comunista.
Quem mexe com Benedito
bem caro tem que pagar.
Ninguém lhe dará um palmo
de terra pra trabalhar."

Se assim disse assim fez.
João foi mandado embora
do seu casebre pacato.
Disse a Maria: "Não chora,
todo patrão é ingrato."
E saíram mundo afora.
Ele, Maria, os seis filhos
e o facão de cortar mato.

Andaram o resto do dia
e quando a noite caía
chegaram numa fazenda:
"Seu doutor, tenho família,
sou homem trabalhador.
Me ceda um palmo de terra
pra eu trabalhar pro senhor."

Ao que o doutor respondeu:
"Terra aqui tenho sobrando,
todo esse baixão é meu.
Se planta e colhe num dia,
pode ficar trabalhando."

"Seu coronel, me desculpe,
mas eu não sei fazer isso.
Quem planta e colhe num dia,
não planta, faz é feitiço."
"Nesse caso, não discuta,
acho melhor ir andando."

E lá se foi Boa-Morte
com a mulher e seis meninos.
"Talvez eu tenha mais sorte
na fazenda dos Quintinos."
Andaram rumo do Norte,
pra além da várzea dos Sinos:
"Coronel, morro de fome
com seis filhos e a mulher.
Me dê trabalho, sou homem
para o que der e vier."

E o coronel respondeu:
"Trabalho tenho de sobra.
E se é homem como diz
quero que me faça agora
essa raiz virar cobra
e depois virar raiz.
Se isso não faz, vá-se embora."

João saiu com a família
num desespero sem nome.
Ele, os filhos e Maria
estavam mortos de fome.
Que destino tomaria?
Onde iria trabalhar?
E à sua volta ele via
terra e mais terra vazia,
milho e cana a verdejar.

O sol do sertão ardia
sobre os oito a caminhar.
Sem esperança de um dia
ter um canto pra ficar,
à sua volta ele via
terra e mais terra vazia,
milho e cana a verdejar.

E assim, dia após dia,
andaram os oito a vagar,
com uma fome que doía
fazendo os filhos chorar.
Mas o que mais lhe doía
era, com fome e sem lar,
ver tanta terra vazia,
tanta cana a verdejar!

Era ver terra e ver gente
daquele mesmo lugar,
amigos, quase parentes,
que não podiam ajudar,
que se lhes dessem pousada
caro tinham que pagar.
O que o patrão ordena
é bom não contrariar.

A muitas fazendas foram,
sempre o mesmo resultado.
Mundico, o filho mais moço,
parecia condenado.
Pra respirar era um esforço,
só andava carregado.
"Mundico, tu tá me ouvindo?"
Mundico estava calado.

Mundico estava morrendo,
coração quase parado.
Deitaram o pobre no chão,
no chão com todo o cuidado.
Deitaram e ficaram vendo
morrer o pobre coitado.

"Meu filho", gritou João,
se abraçando com o menino.
Mas de Mundico restava
somente o corpo franzino.
Corpo que não precisava
mais nem de pai nem de pão,
que precisava de chão
que dele não precisava.

Enquanto isso ali perto,
detrás de uma ribanceira,
três "cabras" com tiro certo
matavam Pedro Teixeira,
homem de dedicação
que lutara a vida inteira
contra aquela exploração.

Pedro Teixeira lutara
ao lado de Julião,
falando aos caboclos para
dar melhor compreensão
e uma Liga organizara
pra lutar contra o patrão,
pra acabar com o cativoiro
que existe na região,
que conduz ao desespero
toda uma população,
onde só o fazendeiro
tem dinheiro e opinião.

Essa não foi a primeira
morte feita de encomenda
contra líder camponês.
Outros foram assassinados
pelos donos da fazenda.
Mas cada Pedro Teixeira
que morre, logo aparece
mais um, mais quatro, mais seis
— que a luta não esmorece
e cresce mais cada mês.

Que a luta não esmorece
agora que o camponês
cansado de fazer prece
e de votar em burguês,
se ergue contra a pobreza
e outra voz já não escuta,
só a que o chama pra luta
— voz da Liga Camponesa.

Mas João nada sabia
no desespero que estava,
andando aquele caminho
onde ninguém o queria.
João Boa-Morte pensava
que se encontrava sozinho
que sozinho morreria.

Sozinho com cinco filhos
e sua pobre Maria
em cujos olhos o brilho
da morte se refletia.
Já não havia esperança,
iam sucumbir de fome,
ele, Maria e as crianças.

Naquela terra querida,
que era sua e que não era,
onde sonhara com a vida
mas nunca viver pudera,
ia morrer sem comida
aquele de cuja lida
tanta comida nascera.

Aquele de cuja mão
tanta semente brotara
que, filho daquele chão,
aquele chão fecundara;
e assim se fizera homem
para agora, como um cão,
morrer, com os filhos, de fome.

E assim foi que Boa-Morte,
quando chegou a Sapê,
desiludido da sorte,
certo que naquele dia
antes da aurora nascer
os seus filhos mataria
e mataria a mulher,
depois se suicidaria
para acabar de sofrer.

Tomada essa decisão
sentiu que uma paz sofrida
brotava em seu coração.
Era uma planta perdida,
uma flor de maldição
nascendo de sua mão
que sempre plantara a vida.

Seus olhos se encheram d'água.
Nada podia fazer.
Para quem vive na mágoa,
mágoa menor é morrer.
Que sentido tem a vida
pra quem não pode viver?

Pra quem, plantando e colhendo,
não tem direito a comer?
Pra que ter filhos, se os filhos
na miséria vão morrer?
É preferível matá-los
aquele que os fez nascer.

Chegando a um lugar deserto,
pararam para dormir.
Deitaram todos no chão
sem nada pra se cobrir.
Quando dormiam, João
levantou-se devagar
pegando logo o facão
com que os ia degolar.

João se julgava sozinho
perdido na escuridão
sem ter ninguém pra ajudá-lo
naquela situação.
Sem amigo e sem carinho
amolava o seu facão
para matar a família
e varar seu coração.

Mas como um louco atrás dele
andava Chico Vaqueiro
um lavrador como ele
como ele sem dinheiro
para levá-lo pra Liga
e lhe dar um paradeiro
para que assim ele siga
o caminho verdadeiro.

Para dizer-lhe que a luta
só agora vai começar,
que ele não estava sozinho,
não devia se matar.
Devia se unir aos outros
para com os outros lutar.
Em vez de matar o filho,
devia era os libertar
do jugo do fazendeiro
que já começa a findar.

E antes que Boa-Morte,
levado pela aflição,
em seis peitos diferentes
varasse seu coração,
Chico Vaqueiro chegou:
"Compadre, não faça isso,
não mate quem é inocente.
O inimigo da gente
— lhe disse Chico Vaqueiro —
não são os nossos parentes,
o inimigo da gente
é o coronel fazendeiro.

"O inimigo da gente
é o latifundiário
que submete nós todos
a esse cruel calvário.
Pense um pouco, meu amigo,
não vá seus filhos matar.
É contra aquele inimigo
que nós devemos lutar.
Que culpa têm os seus filhos?
Culpa de tanto penar?
Vamos mudar o sertão
pra vida deles mudar."

Enquanto Chico falava,
no rosto magro de João
uma luz nova chegava.
E já a aurora, do chão
de Sapê, se levantava.

E assim se acaba uma parte
da história de João.
A outra parte da história
vai tendo continuação
não neste palco de rua
mas no palco do sertão.
Os personagens são muitos
e muita a sua aflição.
Já vão todos compreendendo,
como compreendeu João,
que o camponês vencerá
pela força da união.
Que é entrando para as Ligas
que ele derrota o patrão,
que o caminho da vitória
está na revolução.

An abstract white line drawing on a gray background, resembling a stylized signature or calligraphic mark, positioned on the right side of the page.

DENTRO DA NOITE VELOZ

(1962-1974)

MEU POVO, MEU POEMA

Meu povo e meu poema crescem juntos
como cresce no fruto
a árvore nova

No povo meu poema vai nascendo
como no canavial
nasce verde o açúcar

No povo meu poema está maduro
como o sol
na garganta do futuro

Meu povo em meu poema
se reflete
como a espiga se funde em terra fértil

Ao povo seu poema aqui devolvo
menos como quem canta
do que planta

A BOMBA SUJA

Introduzo na poesia
a palavra diarreia.
Não pela palavra fria
mas pelo que ela semeia.

Quem fala em flor não diz tudo.
Quem me fala em dor diz demais.
O poeta se torna mudo
sem as palavras reais.

No dicionário a palavra
é mera ideia abstrata.
Mais que palavra, diarreia
é arma que fere e mata.

Que mata mais do que faca,
mais que bala de fuzil,
homem, mulher e criança
no interior do Brasil.

Por exemplo, a diarreia,
no Rio Grande do Norte,
de cem crianças que nascem,
setenta e seis leva à morte.

É como uma bomba D
que explode dentro do homem
quando se dispara, lenta,
a espoleta da fome.

É uma bomba-relógio
(e relógio é o coração)
que enquanto o homem trabalha
vai preparando a explosão.

Bomba colocada nele
muito antes dele nascer;
que quando a vida desperta
nele, começa a bater.

Bomba colocada nele
pelos séculos de fome
e que explode em diarreia
no corpo de quem não come.

Não é uma bomba limpa:
é uma bomba suja e mansa
que elimina sem barulho
vários milhões de crianças.

Sobretudo no nordeste
mas não apenas ali,
que a fome do Piauí
se espalha de leste a oeste.

Cabe agora perguntar
quem é que faz essa fome,
quem foi que ligou a bomba
ao coração desse homem.

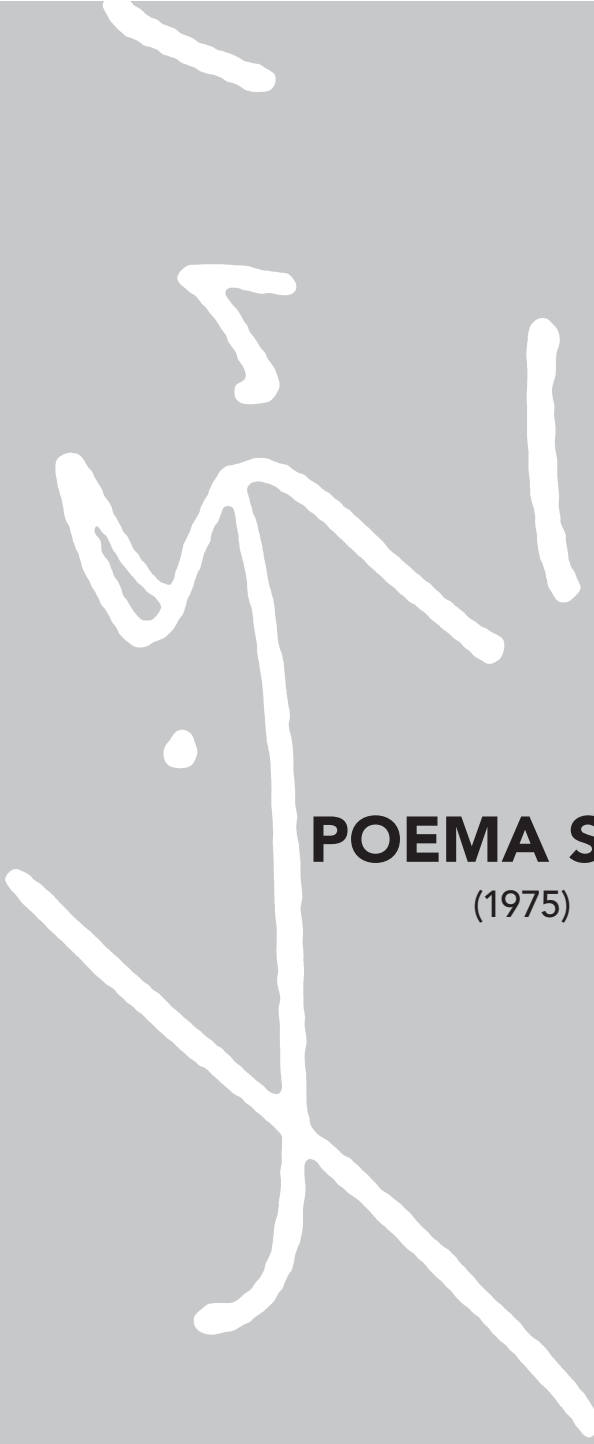
Quem é que rouba a esse homem
o cereal que ele planta,
quem come o arroz que ele colhe
se ele o colhe e não janta.

Quem faz café virar dólar
e faz arroz virar fome
é o mesmo que põe a bomba
suja no corpo do homem.

Mas precisamos agora
desarmar com nossas mãos
a espoleta da fome
que mata nossos irmãos.

Mas precisamos agora
deter o sabotador
que instala a bomba da fome
dentro do trabalhador.

E sobretudo é preciso
trabalhar com segurança
pra dentro de cada homem
trocar a arma da fome
pela arma da esperança.

An abstract white line drawing on a gray background. The drawing consists of several thick, expressive strokes. A vertical line descends from the upper left, with a small dot to its left. A diagonal line crosses from the upper right towards the bottom left. Another diagonal line starts from the middle left and extends towards the bottom right. There are also some curved strokes at the top left and a vertical stroke near the top right.

POEMA SUJO

(1975)

turvo turvo
 a turva
 mão do sopro
 contra o muro
 escuro
 menos menos
 menos que escuro
 menos que mole e duro menos que fosso e muro: menos que furo
 escuro
 mais que escuro:
 claro
 como água? como pluma? claro mais que claro claro: coisa alguma
 e tudo
 (ou quase)
 um bicho que o universo fabrica e vem sonhando desde as entranhas
 azul
 era o gato
 azul
 era o galo
 azul
 o cavalo
 azul
 teu cu

tua gengiva igual a tua bocetinha que parecia sorrir entre as folhas de
 banana entre os cheiros de flor e bosta de porco aberta como uma boca
 do corpo (não como a tua boca de palavras) como uma entrada para
 eu não sabia tu
 não sabias
 fazer girar a vida
 com seu montão de estrelas e oceano
 entrando-nos em ti

bela bela
 mais que bela
 mas como era o nome dela?
 Não era Helena nem Vera
 nem Nara nem Gabriela
 nem Tereza nem Maria
 Seu nome seu nome era...
 Perdeu-se na carne fria
 perdeu-se na confusão de tanta noite e tanto dia
 perdeu-se na profusão das coisas acontecidas
 constelações de alfabeto
 noites escritas a giz
 pastilhas de aniversário
 domingos de futebol
 enterros corsos comícios
 roleta bilhar baralho
 mudou de cara e cabelos mudou de olhos e risos mudou de casa
 e de tempo: mas está comigo está
 perdido comigo
 teu nome
 em alguma gaveta

Que importa um nome a esta hora do anoitecer em São Luís do Mara-
 nhão à mesa do jantar sob uma luz de febre entre irmãos e pais dentro
 de um enigma?

 mas que importa um nome
 debaixo deste teto de telhas encardidas vigas à mostra entre
 cadeiras e mesa entre uma cristaleira e um armário diante de
 garfos e facas e pratos de louça que se quebraram já
 um prato de louça ordinária não dura tanto
 e as facas se perdem e os garfos
 se perdem pela vida caem
 pelas falhas do assoalho e vão conviver com ratos
 e baratas ou enferrujam no quintal esquecidos entre os pés de erva-
 [cidreira
 e as grossas orelhas de hortelã
 quanta coisa se perde
 nesta vida

Como se perdeu o que eles falavam ali
 mastigando
 misturando feijão com farinha e nacos de carne assada
 e diziam coisas tão reais como a toalha bordada
 ou a tosse da tia no quarto
 e o clarão do sol morrendo na platibanda em frente à nossa
 janela
 tão reais que
 se apagaram para sempre
 Ou não?

Não sei de que tecido é feita minha carne e essa vertigem
 que me arrasta por avenidas e vaginas entre cheiros de gás
 e mijo a me consumir como um facho-corpo sem chama,
 ou dentro de um ônibus
 ou no bojo de um Boeing 707 acima do Atlântico
 acima do arco-íris
 perfeitamente fora
 do rigor cronológico
 sonhando

Garfos enferrujados facas cegas cadeiras furadas mesas gastas
 balcões de quitanda pedras da rua da Alegria beirais de casas
 cobertos de limo muros de musgos palavras ditas à mesa do
 jantar,
 voais comigo
 sobre continentes e mares

E também rastejais comigo
 pelos túneis das noites clandestinas
 sob o céu estrelado do país
 entre fulgor e lepra
 debaixo de lençóis de lama e de terror
 vos esgueirais comigo, mesas velhas,
 armários obsoletos gavetas perfumadas de passado,
 dobrais comigo as esquinas do susto
 e esperais esperais
 que o dia venha

E depois de tanto
 que importa um nome?
 Te cubro de flor, menina, e te dou todos os nomes do mundo:
 te chamo aurora
 te chamo água
 te descubro nas pedras coloridas nas artistas de cinema
 nas aparições do sonho

— E esta mulher a tossir dentro de casa!
 Como se não bastasse o pouco dinheiro, a lâmpada fraca,
 o perfume ordinário, o amor escasso, as goteiras no inverno.
 E as formigas brotando aos milhões negras como golfadas de
 dentro da parede (como se aquilo fosse a essência da casa)
 E todos buscavam

num sorriso num gesto
 nas conversas da esquina
 no coito em pé na calçada escura do Quartel
 no adultério
 no roubo
 a decifração do enigma

— Que faço entre coisas?
 — De que me defendo?

Num cofo no quintal na terra preta cresciam plantas e rosas
 (como pode o perfume
 nascer assim?)

Da lama à beira das calçadas, da água dos esgotos cresciam
 pés de tomate
 Nos beirais das casas sobre as telhas cresciam capins
 mais verdes que a esperança
 (ou o fogo
 de teus olhos)

Era a vida a explodir por todas as fendas da cidade

sob

as sombras da guerra:

a gestapo a wehrmacht a raf a feb a blitzkrieg catalinas
torpedeamentos a quinta-coluna os fascistas os nazistas os comunistas o
repórter isso a discussão na quitanda o querosene o sabão de andiroba
o mercado negro o racionamento o blackout as montanhas de metais
velhos o italiano assassinado na praça João Lisboa o cheiro de pólvora
os canhões alemães troando nas noites de tempestade por cima da nossa
casa. Stalingrado resiste.

Por meu pai que contrabandeava cigarros, por meu primo que passava
rifa, pelo tio que roubava estanho à Estrada de Ferro, por seu Neco que
fazia charutos ordinários, pelo sargento Gonzaga que tomava tiquira
com mel de abelha e trepava com a janela aberta,

pelo meu carneiro manso

por minha cidade azul

pelo Brasil salve salve,

Stalingrado resiste.

A cada nova manhã

nas janelas nas esquinas na manchete dos jornais

Mas a poesia não existia ainda.

Plantas. Bichos. Cheiros. Roupas.

Olhos. Braços. Seios. Bocas.

Vidraça verde, jasmim.

Bicicleta no domingo.

Papagaios de papel.

Retreta na praça.

Luto.

Homem morto no mercado

sangue humano nos legumes.

Mundo sem voz, coisa opaca.

Nem Bilac nem Raimundo. Tuba de alto clangor, lira singela?

Nem tuba nem lira grega. Soube depois: fala humana, voz de
gente, barulho escuro do corpo, entrecortado de relâmpagos

Do corpo. Mas que é o corpo?
Meu corpo feito de carne e de osso.
Esse osso que não vejo, maxilares, costelas,
flexível armação que me sustenta no espaço
que não me deixa desabar como um saco
vazio
que guarda as vísceras todas
funcionando
como retortas e tubos
fazendo o sangue que faz a carne e o pensamento
e as palavras
e as mentiras
e os carinhos mais doces mais sacanas
mais sentidos
para explodir como uma galáxia
de leite
no centro de tuas coxas no fundo
de tua noite ávida
cheiros de umbigo e de vagina
graves cheiros indecifráveis
como símbolos
do corpo
do teu corpo do meu corpo
corpo
que pode um sabre rasgar
um caco de vidro
uma navalha
meu corpo cheio de sangue
que o irriga como a um continente
ou um jardim
circulando por meus braços
por meus dedos
enquanto discuto caminho
lembro relembro
meu sangue feito de gases que aspiro
dos céus da cidade estrangeira
com a ajuda dos plátanos
e que pode — por um descuido — esvair-se por meu

pulso
aberto
Meu corpo
que deitado na cama vejo
como um objeto no espaço
que mede 1,70m
e que sou eu: essa coisa
deitada
barriga pernas pés
com cinco dedos cada um (por que
não seis?)
joelhos e tornozelos
para mover-se
sentar-se
levantar-se

meu corpo de 1,70m que é meu tamanho no mundo
meu corpo feito de água
e cinza
que me faz olhar Andrômeda, Sírius, Mercúrio
e me sentir misturado
a toda essa massa de hidrogênio e hélio
que se desintegra e reintegra
sem se saber pra quê

Corpo meu corpo corpo
que tem um nariz assim uma boca
dois olhos
e um certo jeito de sorrir
de falar
que minha mãe identifica como sendo de seu filho
que meu filho identifica
como sendo de seu pai

corpo que se para de funcionar provoca
um grave acontecimento na família:
sem ele não há José de Ribamar Ferreira
não há Ferreira Gullar

e muitas pequenas coisas acontecidas no planeta
 estarão esquecidas para sempre

corpo-facho corpo-fátuo corpo-fato

atravessado de cheiros de galinheiros e rato
 na quitanda ninho
 de rato
 cocô de gato
 sal azinhavre sapato
 brilhantina anel barato
 língua no cu na boceta cavalo-de-crista chato
 nos pentelhos
 corpo meu corpo-falo
 insondável incompreendido
 meu cão doméstico meu dono
 cheio de flor e de sono
 meu corpo-galáxia aberto a tudo cheio
 de tudo como um monturo
 de trapos sujos latas velhas colchões usados sinfonias
 sambas e frevos azuis
 de Fra Angelico verdes
 de Cézanne
 matéria-sonho de Volpi

Mas sobretudo meu
 corpo
 nordestino
 mais que isso
 maranhense
 mais que isso
 são-luisense
 mais que isso
 ferreirense
 newtoniense
 alzirense
 meu corpo nascido numa porta e janela da rua dos Prazeres
 ao lado de uma padaria
 sob o signo de Virgo

sob as balas do 24º BC
na revolução de 30
e que desde então segue pulsando como um relógio
num tique-taque que não se ouve
(senão quando se cola o ouvido à altura do meu coração)
tique-taque tique-taque
enquanto vou entre automóveis e ônibus
entre vitrinas de roupas
nas livrarias
nos bares
tique-taque tique-taque
pulsando há 45 anos
esse coração oculto
pulsando no meio da noite, da neve, da chuva
debaixo da capa, do paletó, da camisa
debaixo da pele, da carne

combatente clandestino aliado da classe operária
meu coração de menino

NA VERTIGEM DO DIA

(1975-1980)



MINHA MEDIDA

Meu espaço é o dia
de braços abertos
tocando a fímbria de uma e outra noite
o dia
que gira
colado ao planeta
e que sustenta numa das mãos a aurora
e na outra
um crepúsculo de Buenos Aires

Meu espaço, cara,
é o dia terrestre
quer o conduzam os pássaros do mar
ou os comboios da Estrada de Ferro Central do Brasil
o dia
medido mais pelo meu pulso
do que
pelo meu relógio de pulso

Meu espaço — desmedido —
é o pessoal aí, é nossa
gente,
de braços abertos tocando a fímbria
de uma e outra fome,
o povo, cara,
que numa das mãos sustenta a festa
e na outra
uma bomba de tempo

TRADUZIR-SE

Uma parte de mim
é todo mundo;
outra parte é ninguém:
fundo sem fundo.

Uma parte de mim
é multidão;
outra parte estranheza
e solidão.

Uma parte de mim
pesa, pondera;
outra parte
delira.

Uma parte de mim
almoça e janta;
outra parte
se espanta.

Uma parte de mim
é permanente;
outra parte
se sabe de repente.

Uma parte de mim
é só vertigem;
outra parte,
linguagem.

Traduzir uma parte
na outra parte
— que é uma questão
de vida ou morte —
será arte?

An abstract white line drawing on a gray background, resembling a stylized signature or calligraphic mark. It features several thick, expressive strokes, including a large 'X' shape and a vertical line with a small dot above it.

BARULHOS

(1980-1987)

TANGA

Havia o que se via
e o que não se via:
a manhã luminosa
encobria a treva
abissal e velha dos espaços.

O mar batia
em frente à Farme de Amoedo e ali
na areia
a gente mal o ouvia se o ouvia.

E era então que ela súbito surgia
rindo entre os cabelos
a raquete na mão
e se movia
ah, como se movia!

E nessa translação nos descobria
suas fases solares:

o ombro
o dorso
a bunda
lunar?
estelar?
a bunda
que (sob uma pétala
de azul)
celeste me so

EXERCÍCIO DE RELAX

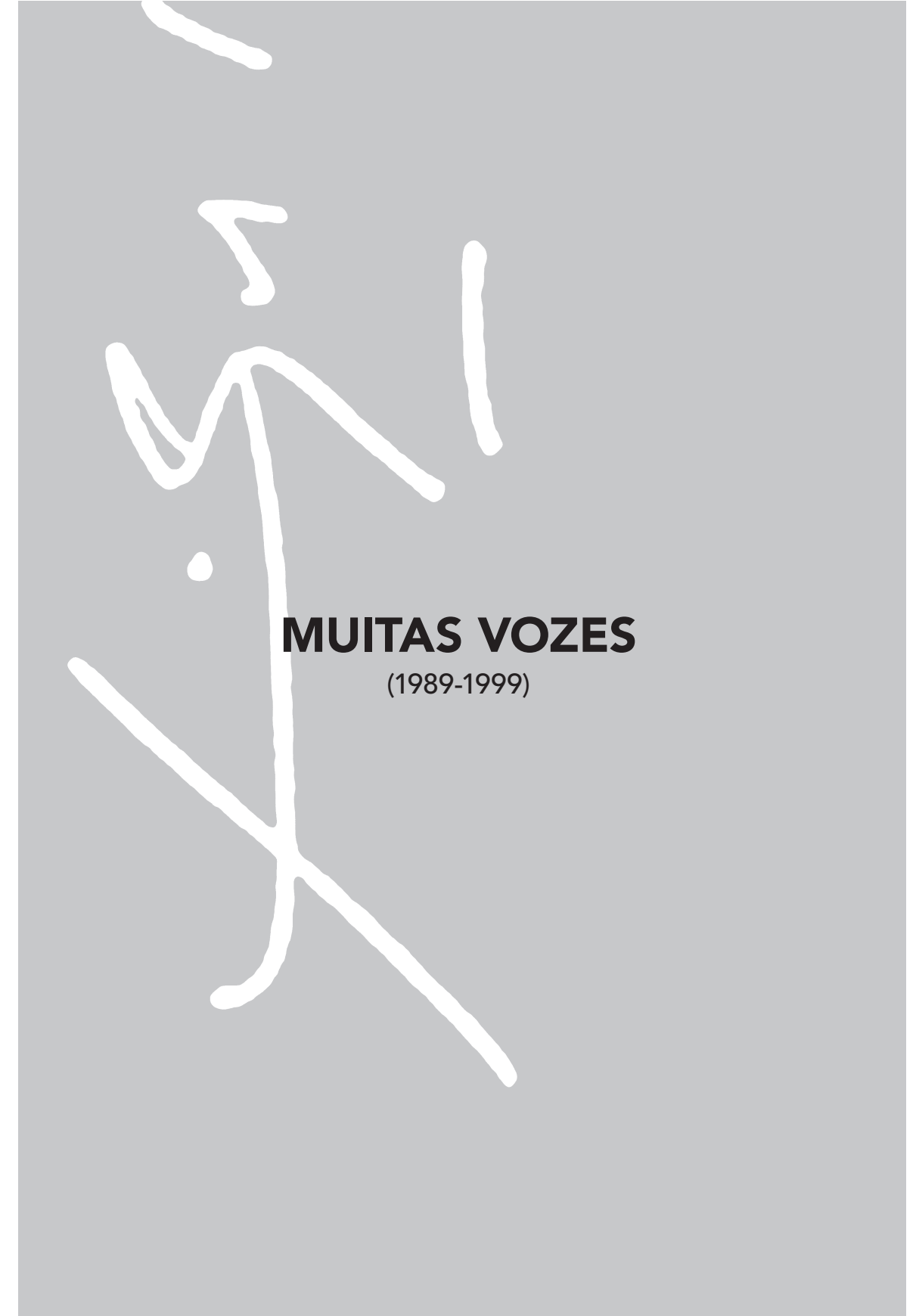
Pé direito, meu velho, relaxa,
 esquece a inflação,
 quero contigo iniciar
 esta lenta descida no sono...
 Mergulha nele, perna
 minha, até o joelho... assim...
 e agora,
 pé esquerdo,
 você também, que nunca fez um gol na vida,
 que só topadas deu,
 adormece,
 afrouxa esse feixe de tendões e ossos e te abre
 à paz.
 Joelhos meus, pensem
 nos oitizeiros
 da Avenida Silva Maia
 e durmam,
 e que as águas do sono subam pelos músculos da coxa
 adductor longus, quadriceps femoris
 e pelo fêmur
 e pelo ânus
 e pelo pênis
 e me cinjam a cintura.
 Deitado, já metade de mim desceu na sombra. A outra
 metade
 sofre ainda a crise do petróleo.
 Relaxa, abdômen, que está tudo sob controle, músculos
 do peito e dos braços,
 abandonem-se,
 para que a paz escorra até a palma da mão:
 a esquerda anônima, a direita
 tão conhecida de mim quanto meu rosto
 e que, como ele, mais disfarça
 o que eu somos

o que eu sonos
mas quem, dentre as hostes celestes, me reconheceria
pelo caralho?

Cala-te, boca,
silencia, maxilar arcaico,
apaga-te, arco voltaico
do que o verso não diz.

E agora, tu, cabeça,
dura cabeça nordestina,
dorme,
dorme, revolta,
sociedade futura pátria igual,
poema que iluminaria a cidade,
dorme

onde me sonho
(caixa de flores)
e donde espio o mundo
por duas órbitas
e duas pálpebras
que finalmente
se fecham
sobre mim.

An abstract white line drawing on a gray background. The drawing consists of several thick, hand-drawn lines. A vertical line descends from the top left, with a horizontal line crossing it near the bottom. To the right of this vertical line, there is a curved line that starts near the top, loops around, and then extends downwards. Above this, there are several other lines, including a horizontal one at the top left and a vertical one further right. The overall impression is that of a quick, gestural sketch.

MUITAS VOZES

(1989-1999)

OUVINDO APENAS

e gato e passarinho
e gato
e passarinho (na manhã
veloz
e azul
de ventania e ar
vores
voando)
e cão
latindo e gato e passarinho (só
rumores
de cão
e gato
e passarinho
ouço
deitado
no quarto
às dez da manhã
de um novembro
no Brasil)

ELECTRA II

Qualquer coisa
eu esperaria
ver
 no céu
da rua Paula Matos
naquele dia por volta
das dez da manhã
 menos
um Electra II
da Varig (entre
os ramos quase
ao alcance
das mãos)
 num susto!

II

Foi um susto
vê-lo: vasto
pássaro metálico
 azul
 parado
 (um
segundo)
 entre
os ramos rente
aos velhos telhados
 àquela hora
da manhã,
de dentro de meu carro.

III

Electra II é
 para mim
 ponte-aérea
 Rio-S. Paulo
 é cartão
 de embarque
 na mão e vento
 nos cabelos

 é
 subir a escada
 e voar
 Electra II

para mim
 é a cidade
 do alto a ponte
 e a salgada
 baía
 e a Ilha
 Fiscal
 antes de pousar

e sentir depois
 o odor
 do querosene
 ardente

 Natural pois
 encontrá-lo
 no aeroporto
 Santos Dumont

mas nunca
 na rua Paula Matos
 ainda que
 acima da minha

cabeça (e
das casas)
 espiando
entre os ramos

como se me buscasse
pela cidade

IV

Os moradores
da rua ignoram
que naquele
instante
 um poema
tenha talvez
 nascido

não escutaram
seu estampido
 conversavam
 na sala na
 cozinha ou
 preparando
 o almoço
 e
 no quintal
 alguém ergue
 um girau
 para plantas

Se fosse um assalto
com tiros um crime
de morte na esquina
todos saberiam mas
na rua havia

àquela hora
 muito barulho:
 de cão
 de moto
 e do próprio avião
que gerou o poema:

são vozes do dia
que ninguém
estranha: como
o trepidar
 do tempo
que escorre
da torneira

 por isso
 se um poema
 nasce
 ali não se percebe

 e mesmo se
 naquele momento
 fizesse total
silêncio
na rua
ainda assim
ninguém ouviria
detonar
o poema
 porque seu estampido
 (como certos
 gritos)
 por alto demais
 não pode ser ouvido

Talvez que um gato
ou
um cão
 e quem sabe o
 canário
— de melhor ouvido —
 tenham escutado
 a detonação.

The background is a solid light gray. Overlaid on this are several thick, white, hand-drawn lines. These lines are abstract and expressive, with some forming loops and others being straight. They are positioned primarily on the left side of the page, with some extending towards the center. The lines vary in length and thickness, giving a sense of movement and spontaneity.

EM ALGUMA PARTE ALGUMA

(2000-2010)

FICA O NÃO DITO POR DITO

o poema
 antes de escrito
 não é em mim
 mais que um aflito
 silêncio
 ante a página em branco

ou melhor
 um rumor
 branco
 ou um grito
 que estanco
 já que
 o poeta
 que grita
 erra
 e como se sabe
 bom poeta (ou cabrito)
 não berra

o poema
 antes de escrito
 antes de ser
 é a possibilidade
 do que não foi dito
 do que está
 por dizer
 e que
 por não ter sido dito
 não tem ser
 não é
 senão
 possibilidade de dizer

mas
dizer o quê?
dizer
olor de fruta
cheiro de jasmim?

mas
como dizê-lo
se a fala não tem cheiro?

por isso é que
dizê-lo
é não dizê-lo
embora o diga de algum modo
pois não calo

por isso que
embora sem dizê-lo
falo:
falo do cheiro
da fruta
do cheiro
do cabelo
do andar
do galo
no quintal
e os digo
sem dizê-los
bem ou mal

se a fruta
não cheira
no poema
nem do galo
nele
o cantar se ouve
pode o leitor
ouvir

(e ouve)
outro galo cantar
noutro quintal
que houve

(e que
se eu não dissesse
não ouviria
já que o poeta diz
o que o leitor
— se delirasse —
diria)

mas é que
antes de dizê-lo
não se sabe
uma vez que o que é dito
não existia
e o que diz
pode ser que não diria

e
se dito não fosse
jamais se saberia

por isso
é correto dizer
que o poeta
não revela
o oculto:
inventa
cria
o que é dito
(o poema
que por um triz
não nasceria)

mas
 porque o que ele disse
não existia
 antes de dizê-lo
 não o sabia

então ele disse
 o que disse
sem saber o que dizia?
então ele o sabia sem sabê-lo?
então só soube ao dizê-lo?
ou porque se já o soubesse
 não o diria?

é que só o que não se sabe é poesia

assim
 o poeta inventa
 o que dizer
e que só
 ao dizê-lo
 vai saber
o que
 precisava dizer
ou poderia
 pelo que o acaso dite
e a vida
 provisoriamente
 permite